buscar no site...

Feira de Santana, Sexta, 06 de Janeiro de 2017

André Pomponet

Um sonho para João

André Pomponet - 15 de dezembro de 2016 | 09h 37

9

Recorro, mais uma vez, a João, aquela personagem fictícia que criei num texto anterior. Hoje ele tem nova missão: será protagonista no cenário da famigerada PEC do Teto de Gastos. Aquela mesma que foi aprovada no Senado essa semana. Tumultuada, a sessão foi marcada por incontáveis arroubos cívicos das excelências que foram favoráveis à medida. A partir daqui, acione-se o cronômetro que fará a contagem regressiva para o colapso dos serviços públicos num futuro próximo. Isso se, antes, não acontecer uma convulsão social.

A chamada grande imprensa passou os últimos dias alardeando que a PEC iria "limitar os gastos públicos" e "conter a gastança do setor público". Mentira: nessa armadilha, ficam de fora os juros da dívida pública, porque simplesmente não há limite para esse tipo de despesa na esperta medida redentora.

O governo, portanto, vai retirar recursos da saúde, da educação, da assistência social e da previdência para remunerar o capital financeiro. É dinheiro que sai dos serviços essenciais prestados à gente sofrida para as algibeiras dos banqueiros. Significa uma espécie de distribuição de renda às avessas, na qual quem tem pouco fica com quase nada e quem tem muito fica com praticamente tudo.

Para justificar a medida, saem com o argumento malandro que saúde e educação terão, pelo menos, a reposição da inflação nos próximos anos. Também não passa de empulhação. Com a crise, a arrecadação caiu drasticamente. Lá adiante, com a retomada, essa arrecadação começa a crescer em termos reais, acima da inflação. Os repasses para os serviços públicos, porém, permanecerão congelados, acompanhando a inflação. Logo, haverá uma sobra em termos de recursos.

Para onde vai esse dinheiro? Para os bolsos dos banqueiros. Serão 20 anos de arrocho, com consequências sociais bastante previsíveis: redução ou suspensão nos serviços públicos, arrocho sobre servidores e precarização nas condições de trabalho. Se não houver reações, em breve, regrediremos aos patamares de países africanos em guerra.

É claro que a gastança sem freios do governo Dilma Rousseff (PT) era insustentável. O problema é que, num átimo, o País migrou de um extremo a outro. O novo regime não tem legitimidade eleitoral e alveja justamente os mais pobres.

E João?

Caso o leitor não recorde, João tem 18 anos, é afrodescendente e mora na periferia da Feira de Santana. Ajusta-se perfeitamente ao perfil dos que serão fustigados pela festejada PEC do Teto de Gastos. Mas não apenas por ela: está aí, à mesa, a proposta de reforma da Previdência que vai condenar João a trabalhar pelos próximos 50 anos,

CHARGE DA SEMANA

COLUNISTAS

César Oliveira

Fracasso da política de às drogas, uma pinóia.

Cidade para pessoas- s nas calçadas de Feira

Glauco Wanderley

Com menos de 1% dos prefeito, Ângelo ressus deputado estadual

Zé Neto insiste na tese diz que o que é ruim pa ruim para o Brasil

André Pomponet

Crise extinguiu 12,4 mil trabalho até novembro

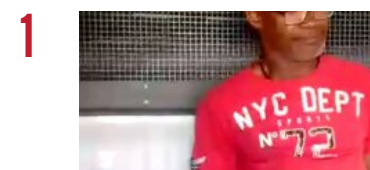
Violência cresce no alv 2017

Valdomiro Silva

Goleada em Kiev reforç importância do vídeo n

O teste do auxílio das i Mundial de Clubes

AS MAIS LIDAS HOJE

1

Se homossexualismo pode, incesto tan argumenta autor de chacina

2

PM prende homem que pôs fogo na mu filhos e matou cinco

no mínimo; e vem aí o que ainda falta no tripé da revogação dos direitos mais elementares dos brasileiros: a reforma trabalhista.

Enquanto os dedos batucam o texto, penso no que posso fazer por esse João fictício que vai sofrer horrores pelos próximos 50 anos. Sinceramente, não enxergo perspectivas: poderia amenizar suas dores tornando-o torcedor do Fluminense de Feira; poderia fazê-lo fã do pagode, do sertanejo universitário, distraí-lo com redes sociais ou com programas de televisão.

Mas isso não resolve, João vai permanecer à margem da sociedade, exposto ao risco de se tornar, quem sabe, um marginal. Afinal, o que não falta são facções recrutando garotos para o crime Brasil afora. Nas periferias esquecidas, são as únicas instituições que alcançam os excluídos, descontando a polícia e as igrejas.

Resisto. E prefiro imaginar um futuro mais nobre para João. Creio que vou vê-lo despertar, aos poucos, para a realidade que o cerca, sem sucumbir ao desespero. Aposto, até, que as agruras que se desenham vão contribuir para que o brasileiro resgate o senso coletivo que foi se diluindo ao longo das últimas décadas. João, espero, vai acabar arrebatado por esse incipiente espírito de luta. É, certamente, um sonho. Mas é isso ou a barbárie sem nenhum pudor.

LEIA TAMBÉM André Pomponet

Crise extinguiu 12,4 mil postos de trabalho até novembro

Violência cresce no alvorecer de 2017

Carro do ovo é o retrato da crise econômica

3 Concurso: Prefeitura alerta sobre notíc site

4 Laboratório de Entomologia vai intensif em 2017

5 Bahia foi o sexto estado com menos m violentas em presídios durante 2016